

A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA NA PERSPECTIVA GRAMSCIANA

Maria Cecília Marins de Oliveira*

Maria Elisa Brum do Nascimento**

RESUMO

O estudo inscreve-se como análise e reflexão sobre a formação política e filosófica dos intelectuais no contexto histórico, apoiada na interpretação de Antonio Gramsci. O trabalho tem por objetivo discutir as possibilidades de elevação dos conhecimentos das massas populares, do senso comum ao conhecimento crítico, com base no conhecimento científico e filosófico, para uma nova concepção de mundo e de vida através da escola. Neste sentido, o conceito de cultura relaciona-se à forma como o humano legitima suas práticas historicamente, cuja construção se estabelece a partir dos esforços do grupo social para construir uma consciência de classe. Assim, a compreensão da filosofia e da função do intelectual relaciona-se a entender como se desenvolve a concepção crítica e coerente de uma visão de mundo e define-se a formação filosófica e intelectual. Analisa a função dirigente e organizativa dos intelectuais no processo de superação do senso comum e na elaboração de uma cultura superior, a partir da compreensão dos traços característicos do conhecimento popular articulado à filosofia da práxis. Este processo fundamenta-se a partir da compreensão dialética histórica do humano articulada à filosofia da práxis, cujos eixos teóricos têm por objetivo relacionar a função educativa do intelectual no grupo social relacionada a sua apropriação do conhecimento e elaboração de conjunto orgânico e hegemônico de alta cultura.

Palavras Chaves: Formação Intelectual. Formação filosófica. Organização da cultura por Gramsci.

ORGANIZATION THE CULTURE IN PERSPECTIVE GRAMSCIANA

ABSTRACT

The study it is enrolled as analysis and reflection on the political and philosophical formation of intellectuals in the historical context supported by Antonio Gramsci interpretation. The work, it has how objective to discuss the means elevation of the knowledges of popular masses, of the common sense to the critical knowledges, on basis of the scientific and philosophical knowledges, for a new conception of word and life through the school. In this way the culture concept is related to the way the culture concept is related to the way the humans legitimate their practice historically, of which construction is established on the social group efforts in order to built a class conscience. Thus the philosophical and intellectual function comprehension is related to understand how the critical and coherent conception of a world vision is developed and how the philosophical and intellectual formation is defined. It analyses controller and established function of intellectuals in the common sense overcome process and the elaboration of a superior culture beginning with the comprehension of the characteristic aspects of popular knowledge related to the praxis philosophy. This process is based on the human historical dialectical comprehension articulated with the praxis philosophy in which the objectives of the theoretical axes are the relation between the intellectuals educative function in the social group and their knowledge appropriation and the elaboration of the high culture in the organic and hegemonic groups.

Key words: Intellectual formation. Philosophical formation. Organization the culture by Gramsci.

Ao pensar o processo de desenvolvimento do conhecimento e a formação da consciência crítica dos intelectuais, torna-se necessário refletir sobre a educação, que apesar de ser potencialmente capaz de intervir socialmente, depara-se com a práxis intelectual no contexto de formação. A educação como elemento essencial à vida humana caracteriza-se como processo que possui dimensões individuais e coletivas, vivenciados de forma pessoal, porém determinados em relações socialmente estabelecidas. Assim, o

conhecimento se desenvolve por meio da prática social dos homens, cuja prática é determinante para validar a teoria que orienta a formação. Entender o contexto de trabalho dos intelectuais e sua articulação com os processos educativos torna-se fundamental para compreender a organização da cultura.

O eixo de sustentação desta discussão busca nos fundamentos teóricos e filosóficos de Gramsci sobre a formação intelectual e o desenvolvimento de uma nova cultura que parta do senso comum à consciência filosófica, o entendimento da elaboração de concepção de mundo pelos intelectuais. Tal concepção pode revelar-se pela simples manifestação de uma atividade intelectual, passando ao momento da crítica e da consciência, para integrar a formação destes na sociedade moderna. Daí a importância da função dos intelectuais de dirigentes e organizadores das massas no processo orgânico^[1] de elaboração do conhecimento. (GRAMSCI, 2004^a, p. 23.).

Tais questionamentos constituem-se pontos de reflexão para se desvelar à função hegemônica dos intelectuais na luta pela elaboração de uma nova cultura. Entre os vários canais de formação a universidade apresenta-se como uma superestrutura, constituída por seus intelectuais responsáveis por ensinar a política, em seu sentido instrumental, a partir da qual emerge a possibilidade para elaboração de uma concepção de mundo. Concepção esta, equivalente à postura crítica que permite transformar senso comum em consciência filosófica e elaborar o conhecimento científico. Desta forma, o presente trabalho visa analisar e refletir sobre o domínio indistinto do conhecimento científico pela massa popular para possibilitar transformações políticas e sociais mediante movimentos culturais, com base na aquisição e construção de novos conhecimentos, para a construção de uma nova concepção de mundo, de vida, de formação e de trabalho através da escola.

Para Gramsci (1989, p.36), “[...] a luta cultural para transformar a mentalidade popular e divulgar as inovações filosóficas se revelam historicamente verdadeiras, na medida em que se tornam concretamente, isto é, histórica e socialmente universais.” Ao conceito de cultura relaciona-se a compreensão do senso comum que ocorre em direção oposta àquilo que se chama de consciência filosófica ou concepção científica de mundo. Segundo o

autor, o conceito de cultura é inicialmente concebido como um bem universal, com acesso às ordens de classe, pois se trata da difusão da cultura enquanto ação política, com finalidade de promover a autonomia intelectual, constituindo-se na disciplina, na organização da cultura, eixos de produção intelectual e intervenção política.

Inspirado na passagem de Novalis (1772-1801), “[...] sem uma perfeita compreensão de nós mesmos, não poderemos compreender os outros”, Gramsci (2004, p. 56), reflete sobre o seu conceito de cultura, afirmando “[...] conhecer-te a ti mesmo significa ser si mesmo”. Tal premissa pressupõe o conhecimento do outro, ser meio, equivalendo aos esforços conjugados para elaborar e formar uma consciência e, assim, retomar a história, reinterpretá-la e libertar-se dos dogmas. Para o autor, portanto, cultura envolve a organização do próprio eu, apropriação da própria personalidade e conquista da consciência superior, pois, somente dessa maneira, o sujeito começa a compreender seu valor histórico, sua função na vida, seus direitos e deveres. No entanto, nada disso se faz por evolução espontânea, “[...] o gênero humano se diferencia do animal por apropriar-se da natureza, estabelecendo uma relação indireta, mediatizada, inicialmente, pelo instrumento e pelas práticas produtivas.” (LEONTIEV, 1978, p.76). Esta perspectiva confirma o pressuposto de Gramsci (2004, p.58) do homem como “criação histórica e não natureza”. Somente por meio deste processo histórico a humanidade estabelece e conquista o direito de viver independente dos esquemas da minoria, afirmadas historicamente, num momento anterior. Assim, a formação da consciência decorre da reflexão inteligente, primeiro de alguns e depois abrangendo toda uma classe, como parte do processo de reconstrução social. A revolução ou processo de transformação é precedido de um continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de construção de idéias.

A construção do sujeito social que se relaciona com os outros por meio de elementos que busquem questionar a realidade no sentido de construção de uma visão de crítica de mundo, pressupõe pensar a formação dos profissionais além da habilitação técnica, é necessário introduzir elementos filosóficos, ideológicos, políticos e de vida. A elaboração destes elementos articula-se ao

processo de reflexão por meio da filosofia, a qual é visualizada como uma atividade somente atribuída aos intelectuais como os cientistas especializados ou filósofos. No entanto, no entendimento de Gramsci (2004a, p.93), “[...] todos os homens são filósofos”, na medida em que define os limites e as características da filosofia espontânea comum a todos. Trata-se da filosofia presente na linguagem, tal qual se apresenta, como um conjunto de noções e conceitos, no senso comum, no bom senso, no folclore e na religião. As simples manifestações da linguagem, muitas vezes ocorridas de modo inconsciente, constituem-se numa atividade intelectual e, portanto, numa concepção de mundo particular. Em todo homem está presente uma consciência imposta pela realidade social em que vive, no qual ocorrem influências diversas e contraditórias, abandonada à própria espontaneidade, não ainda tomada criticamente, vivendo influências ideológicas e culturas diferentes.

Entretanto, a forma como se desenvolve esta concepção de mundo articula-se ao aspecto da consciência e da crítica, seja mediante uma situação imposta como sujeito de determinado grupo social, seja elaborando a própria concepção de mundo de uma maneira crítica e consciente, “[...] em conexão com o próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de si mesmo.” A concepção do sujeito torna-se então determinante a partir do grupo social ao qual se pertence, onde idéias são compartilhadas. Tal abordagem de Gramsci (2004b, p.94), reflete seu pressuposto sobre o homem, como “[...] homem massa ou homem coletivo.” Homem massa pela concepção acrítica e incoerente pertencente a um grande número destes sujeitos que se definem por uma personalidade constituída de múltiplas facetas, preconceitos, dogmas e elementos cristalizados definidos pela própria indefinição. No entendimento deste autor o homem coletivo é capaz de criticar esta concepção de mundo, transformar e ampliar o pensamento mundial e, com isto, tornar esta crítica unitária e coerente. Até mesmo porque, a concepção de mundo na atualidade, responde a problemas colocados por uma realidade de outra época, da mesma forma que tais questões surgem da contradição com outras concepções de mundo. Isto remete à compreensão do processo histórico por uma concepção

dialética da realidade, que se explica pela diferença de desenvolvimento de grupos sociais entre si, para o estabelecimento de sua posição social na história do desenvolvimento da humanidade. Razão pela qual a cultura, a matéria e a dimensão intelectual aparecem na sociedade humana, de forma particular a cada grupo social que vai se constituindo ao longo da história da humanidade.

O desenvolvimento do conhecimento que os grupos sociais vão conquistando ocorre por meio de um processo de assimilação que lhes irá fundamentar sua capacidade cognitiva. Porém, a consciência dos homens se forma pela linguagem, cuja importância decorre por ser ela constituída de todos os elementos para a compreensão de uma concepção de mundo e de cultura, da mesma forma que a partir da linguagem individual atribui-se maior ou menor complexidade à esta concepção. Tal premissa articula-se a afirmação de Leontiev (1978, p. 94), “[...] a linguagem não tem somente o papel de comunicação entre os homens, mas é um meio, uma forma de consciência do pensamento humano ainda não destacado da produção material e torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade.”

A este aspecto da linguagem, pode-se acrescentar a criação de uma nova cultura, que não pode ser entendida somente como descobertas individuais. A contribuição de Gramsci sobre a socialização do conhecimento observa que é preciso, “[...] transformá-lo em bases vitais de elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral”. (GRAMSCI, 2004^a, p. 96). Para este autor a apreciação do conhecimento pelo coletivo torna a realidade coerente e unitária, conferindo à filosofia a condição científica, diferente do senso comum e da religião. A filosofia é uma ordem intelectual, crítica, superando a religião para coincidir com o bom senso que se contrapõe ao senso comum, tendo-se assim, deste modo, filosofia como condição científica do senso comum.

Então, a articulação do pensamento popular, não científico e acrítico, à filosofia se faz pela linguagem comum, cuja reflexão para tomada de consciência da realidade estabelece-se por um fundo racional diante do que deve ser enfrentado, sem se deixar levar pelos impulsos instintivos. Tais

expressões têm um significado preciso relacionado à “[...] superação das paixões bestiais e elementares”, por meio de uma concepção da necessidade que direcione a ação consciente e dirigente. (GRAMSCI, 2004^a,p.98). Para este autor este é o bom senso, núcleo sadio do senso comum, que deveria ser desenvolvido e transformado em algo unitário, ligado à concepção de mundo que se transformou em movimento cultural, em religião, produzindo uma atividade prática, uma ideologia tomada em sentido diferente, com um significado mais elevado, por meio de um conjunto orgânico. O avanço das religiões, notadamente da Igreja Católica, por sua doutrinária massa religiosa tendeu a manter este processo orgânico, em que os estratos intelectualmente superiores não se destacam dos inferiores.

No processo orgânico insere-se o movimento filosófico que desenvolve uma cultura especializada para um grupo de intelectuais, na qual a elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente ocorre pelo contato permanente com o “simples”, emergindo deste contato à fonte dos problemas a serem elaborados. (GRAMSCI, 2004^a, p.100). Este processo caracteriza a forma como a atividade teórica articula-se com a prática, formando uma unidade, pois “[...] só pode ter justeza quando temos uma prática como atividade objetiva transformadora da realidade natural e social”. (VAZQUEZ, 1990, p.234). A atividade prática transformadora implica num grau de conhecimento da realidade que se transforma e da necessidade que satisfaz, articulada à compreensão teórica que não pode permanecer oculta. A unidade teoria e prática estabelece o que Vazquez (1990), chama de práxis, relativa à função dos intelectuais no processo de superação do senso comum e da elaboração de uma concepção superior junto aos populares. Para Vazquez (1990, p. 233-234),

[...] a práxis deve ser compreendida pela prática como fundamento e finalidade da teoria, cuja relação é parte do processo histórico social e não se estabelece direta e imediatamente já que a teoria pode surgir; pressupõe uma íntima vinculação teoria e prática, de forma que a teoria corresponde às necessidades da prática e tem sua fonte na prática.

A elaboração filosófica está, pois, interligada a vida prática e com possibilidade de tornar o senso comum renovado, com coerência e o rigor da filosofia individual dos intelectuais. Para Gramsci (2004^a, p.103-104), a compreensão crítica de si mesmo é obtida por meio de uma luta de hegemonias políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo ético para atingir a elaboração superior da própria consciência. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica, a consciência política, é a primeira fase da autoconsciência, na qual se unificam teoria e prática. Assim, reafirma a teoria e a prática no seu devir histórico, por meio da distinção e separação instintiva para uma concepção de mundo coerente e unitária. Isto atribui ao desenvolvimento político, segundo o conceito de hegemonia, uma condição para além do progresso político prático, que se revela em um grande progresso filosófico, já que implica uma unidade intelectual e uma ética.

Esse processo de formação crítica e de intervenção ativa e consciente no processo da história do mundo, não resulta de uma reflexão pessoal, mas de um processo social, de uma formação política e pedagógica. A filosofia e a política para Gramsci são inseparáveis, pois um grupo social manifesta uma ação a partir de uma concepção de mundo, mesmo que embrionária, de forma descontínua e em conjunto orgânico, significando organicidade de pensamento e solidez cultural, constituem-se assim num bloco cultural e social. (GRAMSCI, 2004b, p. 100). Nesta perspectiva, insere-se a reflexão sobre a escola, a qual se caracteriza pela atividade e capacidade de organização histórica da sociedade. Isto indica a importância da função assumida pelos intelectuais no mundo moderno, assim como se busca aprofundar a intelectualidade de cada indivíduo, buscando-se multiplicar as especializações. Por esta razão, existem os diversos graus de instituições escolares, ampliando os organismos que desejam ampliar a chamada alta cultura em todos os campos da ciência e da técnica.

O aspecto que reforça a escolha de uma concepção de mundo crítica e coerente é a forma como, na história, em cada época, coexistem muitos sistemas e correntes filosóficas, cada uma difundindo-se em uma direção. Isto reafirma o processo de sistematização da crítica e a carência da própria

concepção de mundo e de vida, fixando o que se entende por sistema dentro do quadro histórico da filosofia. Este é um resgate do processo histórico que está presente em toda a obra de Gramsci.

Gramsci (2005, p.25), presume que “[...] a consciência filosófica constitui a expressão de hegemonia da concepção”, sendo aquela que investiga o seu alto grau de elaboração, pois logrou obter o consenso das diferentes camadas que interagem na sociedade. Considerando que toda relação hegemônica é uma relação pedagógica, cabe entender educação como instrumento de luta. A forma de inserção da educação na luta hegemônica configura um momento positivo que é trabalhar o senso comum e dar-lhe expressão elaborada como possibilidade de formação de uma concepção crítica. Articula-se à questão, o fato de não se elaborar uma concepção sem método e não se atingir coerência sem lógica, pois se trata de elaborar uma concepção que seja hegemônica em relação à época atual.

Kozik (1976, p. 28), salienta, “O homem só conhece a realidade na medida em que cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como um ser prático.” Este autor discorre sobre a dialética da atividade e da passividade do conhecimento humano por meio da práxis humana. O método constitui, então, a base da práxis dos intelectuais no processo de organização da cultura, como forma do homem legitimar suas práticas produtivas historicamente.

Segundo Gramsci (2004b, p.100), a filosofia da práxis pode ocorrer a partir de uma atitude crítica no sentido de superação de um pensamento concreto existente como crítica do senso comum. Impõe-se à crítica da filosofia dos intelectuais, atribuída ao progresso do senso comum dos estratos mais cultos da sociedade e, também, do senso comum dos populares, que vai dar origem à história da filosofia.

As classes sociais, dominadas ou subalternas, como ainda diz Gramsci (2004b, p. 100), participam de uma concepção de mundo que lhes é imposta pelas classes dominantes. E a ideologia das classes dominantes corresponde à função histórica destas e não aos interesses e à função histórica, ainda inconsciente, das classes subalternas. Esta vem a ser a forma como a

ideologia das classes dominantes chega à classe subalterna, estabelecida nos vários canais, nos quais se constrói a influência ideal, a capacidade de plasmar as consciências de toda uma coletividade e conseguir, finalmente, o estabelecimento de sua hegemonia. Segundo Gramsci (2004b, p.13-53), um exemplo desses canais é a escola, outro é a religião e a igreja. Em relação à escola, este autor se refere à escola italiana, devido à divisão entre escola profissional e escola ginásial-colegial, representando uma cisão de classe. A escola profissional para a classe subalterna que irá trabalhar e o ginásio-colegial para os quadros dirigentes da sociedade.

Nesta ótica, o autor concebe o catecismo, considerado como um livro fundamental, elaborado com extrema sabedoria pedagógica, com finalidade de imprimir precocemente, em grandes massas, uma determinada concepção de mundo. Estes canais constituídos pela classe dominante estabelecem as relações e o domínio sobre a classe subalterna. Essa forma de ação imposta pela classe dominante faz com que as necessidades afetivas, as reivindicações, inclusive as espontâneas, da classe subalterna não impulsionem ações, lutas e movimentos, pairando uma espécie de conformismo com a realidade. Mas ao contrário, o contato entre os intelectuais e a classe subalterna, acaba se fazendo necessário, não no sentido de limitar a atividade científica, mas no sentido de que a manutenção desta unidade com as massas pode contribuir para desenvolver um bloco intelectual e moral que, politicamente, possibilite o crescimento intelectual das massas e não se restrinja a pequenos grupos de intelectuais. A atuação prática do homem ativo das massas não lhe permite uma consciência teórica de sua ação, que é um conhecimento de mundo. Na medida em que essa consciência se transforma há a possibilidade de ocorrer a constatação de que sua consciência teórica, historicamente, está em contradição com sua ação. Para Gramsci (2004b, p.103),

[...] é possível dizer que ele tem duas consciências teóricas, uma implica em ação, e que realmente une a todos os colaboradores na transformação prática da realidade; e outra, superficialmente explicada ou verbal, que ele herdou do passado e acolheu sem crítica.

Na opinião do autor, esta concepção verbal não se dá inconseqüentemente, pois se liga a um grupo social determinado e influi sobre a conduta moral, sobre a direção da vontade, de uma maneira mais ou menos intensa que a contrariedade da consciência não permite nenhuma ação e produz um estado de passividade moral e política.

A abordagem do conhecimento popular, segundo Gramsci (2004b, p.112-3), apóia-se na reflexão de conteúdos que fundamentam a sua teoria política, ou seja, a distinção entre governantes e governados. Neste sentido, o cerne de sua teoria política encontra-se nos temas da sociedade civil/aparelhos de hegemonia privado, sociedade política de hegemonia estatal e coerção. Perspectiva esta que leva Gramsci a abordar o folclore, a religião, o senso comum, a literatura e outros fatores, nos quais os aprofundamentos destes conteúdos apontam alguns traços e características do pensamento popular como: a ambigüidade, a fragmentariedade, a criticidade, a imediaticidade, o dogmatismo e a heterogeneidade.

Para Gramsci (2004b, p. 113), a ambigüidade manifesta-se nos diversos fenômenos populares, como o folclore, no qual se observa os elementos fossilizados, conservadores e reacionários, de permanência e mudança, e elementos inovadores, criadores e progressistas. Ou ainda, vê-lo como incoerente ou identificador de casualidade, descobridor da causa exata em uma série de juízos ou como um conhecimento acrítico, passível de transformação. Observa-se, então, a presença de elementos que parecem contraditórios, que simultaneamente negam e afirmam o processo. Esta contradição que não se apresenta na forma dialética, como a luta e unidade dos contrários, e, sim, como elementos opostos entre si, estabelecem um processo de negação, não necessariamente uma contradição. Pode-se dizer que o conhecimento popular limita-se a compreender o que é o processo de negação e não as contradições sociais que são históricas. Apresenta-se como uma realidade confusa e insuficientemente compreendida pelos populares. Então, a sua manifestação não ocorre como um movimento externo historicamente dado, um ato concreto ou como um comportamento ou qualquer outra expressão. Manifesta-se, muito mais, como ato abstrato, pois na mente

do popular estão presentes elementos conceituais sistematizados, elaborados por meio de termos aparentemente contraditórios. Dessa forma, o impasse cognitivo típico da ambigüidade vai influenciar na postura dogmática e também na postura acrítica. Gramsci (2004, p. 114) refere-se a acriticidade quando afirma, “[...] predomina no senso comum os elementos realistas, materialistas, isto é, o produto imediato da sensação bruta, o que de resto não está em contradição com o elemento religioso, ao contrário, mas estes elementos são supersticiosos e acríticos.”

A acriticidade manifesta-se em função desta sistemática confusa persistente no ambíguo, formando uma estrutura ambivalente. Então, as manifestações cognitivas desse traço são múltiplas, indicando uma rede intrínseca de sistemas e subsistemas conceituais. Para Schaefer e Jantsch (1995, p. 105) estas manifestações e suas “subtotalidades, observadas nos populares, compreendem-se em situações de duplo sentido e duplo valor, reprodução e transformação, conservadorismo e progresso, velho e novo”. O conhecimento está constantemente a formar ou já formou concepções compostas ou sistemas de concepções, nos quais os elementos de sua constituição são de naturezas diferentes. Nesta linha de raciocínio, a heterogeneidade, partindo de um todo composto de naturezas distintas, encontra-se articulada ao conhecimento popular não científico.

Isto reforça a reflexão sobre a importância da compreensão crítica de si próprio, por meio das lutas pela hegemonia política. A mediação entre os populares e os intelectuais é operada pela política que, por meio da experiência que nela se desenvolve, estabelece a relação com uma filosofia superior, segundo a qual permite a formação de uma concepção crítica das massas subalternas para a superação do senso comum.

Este problema, concebido historicamente está vinculada à capacidade dirigente e de organização dos intelectuais na formação de uma autoconsciência crítica, histórica e política que os tornam independentes. A organização “[...] não existe sem intelectuais, sem que o aspecto teórico da ligação teoria e prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas

especializadas na elaboração conceitual e filosófica.” (GRAMSCI, 2004^a, p.104).

Remete-se aqui à reflexão sobre o marxismo, uma vez que este processo de criação dos intelectuais elabora-se por meio de contradições, avanços e recuos sociais, cujo processo de fidelidade e disciplina está presente, inicialmente, na adesão da massa, na colaboração e no desenvolvimento cultural como um todo. Como parte deste desenvolvimento, a dialética dos intelectuais de massa constitui-se num aspecto importante à medida que o estrato de intelectuais desenvolve-se quantitativa e qualitativamente. Entretanto, isto só ocorre em nível de amplitude e complexidade, pelo contato dos intelectuais com a massa dos populares, cujo processo de desenvolvimento atinge um nível superior de consciência e amplia o círculo de influência.

Gramsci refere-se ao termo filosofia da práxis para indicar o marxismo como uma concepção que fundamenta a práxis revolucionária e confirma na práxis a validade de suas próprias colocações. O marxismo tem essa capacidade, uma vez que expressa os interesses e reivindicações históricas da classe subalterna e, em primeiro lugar, do proletariado. É a única concepção capaz de guiar o proletariado para assumir uma função dirigente e estabelecer uma nova cultura, no sentido de uma reforma moral e intelectual. A hegemonia, pois, não é apenas um fato político, mas cultural e moral para uma concepção de mundo, perspectiva esta, relacionada à importância da formação da consciência no discurso científico, pois é nele que ocorre o impacto das classes (grandes embates de ideologias). Dessa maneira, o método ocorre de acordo com a relação que o sujeito estabelece com o objeto, com o contexto de estudo e, conseqüentemente, com o conhecimento que se constitui na relação sujeito-objeto por meio da luta numa situação prática.

O processo de articulação e difusão de uma nova concepção de mundo, conforme Gramsci (2004^a), ocorre primeiramente por razões políticas e por último por razões sociais. No entanto, o elemento formal de coerência lógica como elemento de autoridade organizativa, tem função importante de orientação geral, extensiva tanto individual como coletivamente. Para o autor a

questão da cultura se enraíza na história e não pode ser tratada abstratamente, sob pena de cair no vazio, pois para ele a cultura não constituiu um simples jogo de idéias que se resolve fora da realidade.

Para a classe trabalhadora, em geral, preparar a revolução significa também elaborar uma nova concepção de mundo, fundada na reinterpretação da história, assumindo a herança cultural da humanidade. Apresenta-se como crítica elaborada com base em acontecimentos sociais e políticos, que permite explicar a situação e unir indivíduos dispersos, num movimento amplo que se estende à massa submetida à mesma opressão. O autor procura mostrar a importância de construir uma nova cultura, base para uma nova ordem social, que não seja privilégio de grupo de intelectuais, mas criação comum. A cultura se apresenta, assim, como saber que se produz na relação com a ação, o pensar que cria e transforma, em síntese, o mundo do trabalho.

A forma e a adesão do popular a esta concepção baseiam-se na sua conduta, que é de caráter racional por constituir-se no elemento de fé no grupo ao qual pertence e decorre do processo de identificação da forma e do pensar. O indivíduo, então, recorda-se que, em algum momento, alguém deve ter se expressado longa e coerentemente, de forma a convencê-lo de suas razões e fé. O fato de ter sido convencido, mesmo que superficialmente, permite uma razão de permanência e persistência na convicção, ainda que não saiba argumentar. Tais considerações reportam-se a determinadas necessidades para o movimento cultural que pretenda transformar o senso comum e as velhas concepções de mundo.

A participação na elaboração e na construção do conhecimento se diferencia pelas diferentes formas com que as classes relacionam o conhecimento, enquanto processo ou produto. A luta política pedagógica em favor dos populares consiste, ainda que tardiamente, na defesa da escola pública de qualidade, aquela que busca superar o senso comum. Parte-se do pressuposto que o senso comum não é privilégio somente dos populares, pois muitos indivíduos não populares não têm acesso ao conhecimento sistematizado. A diferença consiste na materialidade com que o popular se

apropriada do conhecimento, pois o acesso ao conhecimento é tanto maior quanto for a sistematização deste processo de conhecimento.

Para Gramsci (2004, p.110), “[...] a repetição é o meio didático, é o meio eficaz para agir sobre a mentalidade do popular”, reforçando os argumentos de formas diferentes. A elevação intelectual das massas impõe um trabalho de criatividade das elites intelectuais surgidas das próprias massas e que permanecem em contato com estas organicamente. Isto permite uma mudança da ideologia. Identificam-se, então, a escola e a Universidade, como espaços privilegiados para a prática social e a educação do educador popular, pois este é o local onde o conhecimento é sistematizado e problematizado, tornando-se uma forma de superação do senso comum. Também, constitui-se tarefa destas instituições o desenvolvimento de habilidades que desafiem os educadores à construção de novos conhecimentos.

A educação escolar e os movimentos sociais são espaços onde deve ser superado o senso comum, conforme a concepção de conhecimento popular, sobretudo nos movimentos sociais, como Gramsci (2004, p. 114), ressalta, nos quais a problemática se na expressão do senso comum e do imediatismo, considerada como reino das necessidades. A heterogeneidade está presente, nestes espaços, na forma basismo que, em outras palavras, vem a ser entendimento como um princípio, tudo que vem do povo é bom. A educação, nestes espaços, constitui o foco do senso comum, embora não se trate aqui em negar o espaço dos movimentos sociais, pois estes expõem a força da sociedade civil, a força do povo. A luta, na questão do conhecimento, entretanto, é investir em escolas que possam ser frequentadas pelos populares, pois os movimentos sociais são insuficientes para preparar para ciência e para filosofia.

Repensar nestes moldes decorre a reflexão sobre a questão do docente e sua atuação no meio didático. Trata-se da construção do conhecimento científico, cuja elaboração emerge do conhecimento popular, fragmentado e ambíguo do aluno. Evidentemente, o processo de construção do conhecimento em sala de aula não deve ocorrer arbitrariamente em torno de uma ideologia ou da vontade individual ou da vontade de um grupo.

O processo de adesão dos alunos ao conteúdo proposto pelo professor, porém, tal qual a adesão das massas à ideologia, estabelece-se pela crítica real da racionalidade e da historicidade do modo de pensar. A forma da escola atuar para superação da heterogeneidade ocorre no momento em que desenvolve a habilidade de escrever (elaboração) no aluno. A escrita, como habilidade, é organizadora do caos e leva à abstração do pensamento, das totalidades e das formas lógicas. Entretanto, a escrita sugerida é aquela da gramática textual que se baseia no trabalho das partes em função da totalidade e da alfabetização, como estabelece a proposta de construção das criaturas lógicas. O ensino que não seja trabalho, permanecendo ao nível da abstração, permanece preso ao senso comum, devido às dificuldades de deslocar-se da representação sensível, imediata e instintiva. Abstração é, então, entendida como processo de distinção e identificação, ignorando o aspecto do concreto que não é a essencialidade do objeto. Atribui-se a isto o movimento mental de analogia, comparação, processo esse que se constituem na forma como a humanidade cria os processos lógicos e o estabelecimento da coerência de mundo.

Outro aspecto que deve ser objeto de análise é a metodologia no sentido de desmistificar o metodologismo. Por outro lado, é preciso evitar o conteudismo, pelo qual se facilita a vivência do conhecimento enquanto produto, de forma que a relação conteúdo-metodologia deva ser aprofundada nos cursos de licenciatura. Acredita-se que a disciplina e o trabalho são conceitos que devem ser amplamente trabalhados na educação.

Para Gramsci (2004, p. 111), “as construções arbitrárias são rapidamente eliminadas pela competição histórica, já as construções que correspondem às exigências de um período histórico complexo e orgânico terminam sempre em se impor e prevalecer”. No entanto este desenvolvimento impõe inúmeros problemas, sendo os mais importantes os que se resumem no modo e na qualidade das relações entre as várias camadas de intelectuais qualificados, que se encontram atrelados à importância e à função que propõem os grupos superiores como contribuição criadora. Tal contribuição encontra-se articulada à capacidade orgânica de discussão da elaboração de

novos conceitos críticos por parte das camadas intelectualmente subordinadas, como fixação de uma orientação de política cultural.

Este aspecto, levantado por Gramsci, relaciona-se à qualificação docente, atrelada às questões da pesquisa e da ciência. A importância do trabalho de pesquisa no processo de elaboração do conhecimento, preservando a não neutralidade, apoiada na discussão, mesmo que seja de livre iniciativa de cientistas individuais e que estes revejam continuamente a discussão dos próprios princípios. A discussão da educação dos educadores está vinculada à questão da pesquisa, da extensão e, em especial, do ensino. A forma como o educador se apropria do conhecimento relaciona-se à pesquisa, que deve estar mais próximo possível da ciência e da filosofia, para assumir o homem e a sociedade como elementos históricos e dialéticos. Gramsci refere-se a dois aspectos do trabalho científico. Os educadores precisam conhecer a epistemologia, sem este conhecimento, não conseguem ir em frente, estabelecendo o conflito entre duas naturezas, o objeto (epistemologia) e a intervenção deste em reunir os fragmentos. Desta maneira o pesquisador torna-se fragmentado e heterogêneo como qualquer outro profissional. A luta é contra a apropriação particular das ciências, tal qual a luta pela democratização do saber, da luta pela sua universalização e habilitação da sua elaboração. Para Gramsci (2004, p.122), “[...] toda a investigação tem seu método determinado, da mesma forma que constrói uma ciência determinada ao desenvolvimento e elaboração desta investigação e da ciência formando um todo único.”

Gramsci (2004) lembra que existem critérios gerais que constituem a consciência crítica de todo o cientista, independentemente da sua especialização e que permanecem sempre espontâneos em seu trabalho. Porém, não é o cientista que dispõe de escassa insegurança em seus critérios, que dispõe de pouca inteligência dos conceitos utilizados, mas será arbitrária a posição de quem não levar em conta as lacunas que existem entre os conhecimentos já atingidos e os ignore, contentando-se com soluções puramente verbais, em vez de declarar tais colocações como provisórias e passíveis de reelaboração. Esta colocação de Gramsci reporta-se aos critérios

de avaliação do cientista, tanto no que concerne a sua postura crítica diante das suas idéias como a capacidade de submeter estas verdades à apreciação de outrem. Nesta direção Gramsci comenta “é preciso ser justo com adversários”, esforçar-se para entender a opinião dos outros, mesmo que estes tenham demonstrado insuficiência teórica, esforçar-se para entender o que eles realmente querem dizer. Coloca-se ainda, a avaliação dos educadores quando discutem e sustentam seu ponto de vista com adversários capazes e inteligentes e não com pessoas despreparadas que possam convencer pela autoridade e pela via emocional. A argumentação com base em fundamentação teórica de um conjunto de opiniões que se tornaram coletivas forma um elemento e uma força social, cujos expoentes teóricos são representativos e dignos de respeito pela elevação do pensamento destes expoentes ao nível do espírito de diferenciação.

Todavia, relaciona-se ainda à avaliação dos intelectuais o problema da oratória, ou seja, a forma de “demonstrações orais e mentalidade dos oradores que se ligam as mais surpreendentes superficialidades lógicas e de argumentação.” (GRAMSCI, 2004, p.124). Neste sentido, os intelectuais responsabilizam-se em eliminar associação casual e mecânica das idéias para substituí-las pelo vigor lógico.

A crítica aos intelectuais se estabelece quando estes se visualizam como categoria social cristalizada, como continuação ininterrupta da história e independente da luta dos grupos e não como expressão dialética, onde o grupo social dominante elabora uma categoria própria de intelectuais. Nesta ótica, todo o organismo histórico (sociedade) cria uma nova superestrutura, onde os representantes (intelectuais) só podem ser concebidos como novos surgidos e representando uma nova situação histórica. No entanto, por mais nova que seja esta situação histórica a linguagem não se transforma completamente, pelo menos no aspecto formal exterior, o que muda é o conteúdo da linguagem, mesmo que não seja um processo imediato.

A partir de Gramsci, a tarefa dos intelectuais é determinar e organizar a reforma moral e intelectual, adequar a cultura à função prática. Nesta perspectiva, os intelectuais precisam superar posturas cristalizadas, ligadas ao

passado, de forma que somente sejam preservados alguns valores instrumentais, não acolhidos inteiramente, mas necessitados de um certo refinamento e elaboração. Atribui-se o valor instrumental a todo o conteúdo que seja útil a expressar o novo valor histórico-cultural. A exemplo disso, a obra dos grandes pensadores como Marx, Gramsci e outros teóricos da literatura que permanecem como fundamentação para os novos intelectuais, são tomados num tempo distinto.

Para que se processe o refinamento dos intelectuais e possam ser estes categorizados em classes cultas, a exigência metodológica é cada vez mais rigorosa, o que faz do modo de pensar uma nova técnica filosófica.(GRAMSCI, 2004, p.181). A técnica do pensamento não forma grandes filósofos, porém é necessária na elaboração de critérios de julgamento e de controle na correção de distorções superando o senso comum.

Gramsci relaciona como interessante o estudo concreto da organização cultural de um determinado país que movimenta o mundo ideológico e examina o seu funcionamento prático. A escola, tal como algumas profissões, entre elas as da área da saúde, incorporam em sua atividade especializada uma fração cultural não desprezível. Porém, em todos os países, observa-se, ainda, que em graus diversos, há uma cisão entre intelectuais e massas populares. Isto se atribui ao Estado por não ter uma concepção unitária e hegemônica, razão para que os grupos intelectuais encontrem-se desagregados. Trata-se do campo de lutas da sociedade política e civil, onde o Estado é dialeticamente movimentado pela pressão das lutas de classe. Nesta ótica insere-se a luta do conhecimento popular para superação do senso comum e a produção do conhecimento científico. A ação pedagógica, ou seja, a ação do conhecimento, feita com o conhecimento e sobre o conhecimento que não se pretenda a prática hegemônica, perde sua dimensão política de transformação.

Esta discussão é referente a um esboço introdutório das questões relacionadas à formação e à função dos intelectuais, seus impactos e seus desafios, considerando sua importância em aprofundar tais reflexões. O desenvolvimento de uma concepção crítica pressupõe uma elaboração filosófica das bases que busque transformar o bom senso presente na

linguagem espontânea dos alunos em uma concepção superior. No entanto, isto só é possível se a função dirigente e organizadora do intelectual ocorrer mediante um processo orgânico e hegemônico com a classe popular. E isto se estabelece quando o intelectual procura conhecer os traços e as características do pensamento popular e a forma como este pensamento se apresenta.

O movimento filosófico não se estabelece somente quando busca desenvolver uma cultura especializada para grupos restritos, mas quando o trabalho de elaboração de pensamento é superior ao senso comum, cientificamente coerente e extensivo a todos, à medida que consegue se imiscuir em ambientes diversos com características culturais diferenciadas que, a grosso modo, vão se constituir num único bloco que irá caracterizar a formação da cultura popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história.** Tradução Carlos Nelson Coutinho. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____ **Escritos Políticos.** Organização e tradução Carlos Nelson Coutinho, co-edição, Luiz Sergio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. v.1.

_____ **Cadernos do cárcere.** Tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização: Brasileira, 2004a.v.1.

_____ **Cadernos do cárcere.** Tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização: Brasileira, 2004b.v.2.

_____ **Os intelectuais e organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KOZIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Cruz, 1976.

HORKHEIMER, M. (1895 – 1973). **Teoria Crítica**: uma documentação/Marx Horheimer. Tradução Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva. Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

LEONTIEV, A. N. **O Desenvolvimento e o Psiquismo**. São Paulo: Moraes Ltda, 1978.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SCHAEFER, Sérgio; JANTSCH, Ari Paulo. **O conhecimento popular**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NOTAS:

* Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná – UFPR – e do Centro Universitário Campos de Andrade – NP – Uniandrade – PR - cecioliveira@onda.com.br.

** Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

[1] Orgânico em Gramsci significa organicidade de pensamento e a solidez cultural formando uma mesma unidade entre teoria e prática, ou seja, quando os intelectuais são orgânicos das massas e estabelecem uma elaboração coerente dos princípios e problemas dessas massas, num processo de atividade prática, constituindo-se assim o bloco cultural e social. (GRAMSCI, Cadernos do cárcere, V. 1, 2004, p. 100).

[1] Os escritos de Antonio Gramsci, fundador do partido Comunista Italiano que morreu em 1937, após 11 anos de cativo numa prisão fascista, são cada vez mais reconhecidos em estar, juntamente aos trabalhos contemporâneos da escola de Frankfurt¹, entre as mais importantes contribuições teóricas para o Marxismo desde Marx e Engels. O que ambas as teorias críticas de Gramsci e Frankfurt partilham é acima de tudo uma releitura de Marx, refletindo um sentido das origens Hegelianas de muitos dos conceitos de Marx, e um esforço de reinterpretar a sua teoria à luz do desenvolvimento do século XX, especialmente a importância estratégica das Instituições Culturais e as bases subjetivas da mobilização revolucionária.

Os trabalhos de Gramsci diferem, em parte, por seus primeiros escritos serem redigidos no calor da práxis revolucionária, isto é, na sua ascensão a líder do Partido Comunista Italiano até à sua prisão por Mussolini, em 1937. E seus escritos finais na prisão foram, pelo contrário, redigidos à sombra das falhas da revolução da classe operária e do crescimento do Fascismo, e sob as pressões decorrentes de sua debilidade de saúde, as discussões dos censores e o acesso limitado a materiais de leitura.

¹Escola de Frankfurt e a teoria Crítica da Sociedade representada por Horkheimer, Benjamin, Adorno e Marcuse – Ver Max Horkheimer-Teoria Crítica I, 1990.